

JOSÉ SARNEY 7

Conheci Domingo Cavallo na posse de Menem. Era ele o ministro das Relações Exteriores montado num cavalo branco, sem manchas, dócil, símbolo da mansidão e da amabilidade. Não tinha cara de simpatia com os brasileiros, ao contrário de Dante Caputo, ministro de Alfonsín. O ministro da Economia do novo presidente era Miguel Roig, o *big-boss* da Bunge Born, conglomerado argentino de dimensão mundial, escolhido num golpe de mestre de Menem, populista, peronista, vindo de uma campanha de atitudes grotescas e nada ortodoxas, que entregava, surpreendentemente, a economia ao mais conservador dos argentinos e de maior confiança junto aos setores financeiros internacionais.

Ele morreu pouco tempo depois. Vem Cavallo. Aí, *cambiaram las suertes*, ele tinha de montar um potro preto, fofoso, trote largo, inteiro, pronto a espantar-se com qualquer sombra. Mas Cavallo montou bem. Foi a grande revelação. Aplicou, nos tempos modernos, em síntese, uma fórmula que a Inglaterra, há séculos, aplicava nas colônias com sucesso: estabeleceu duas moedas numa só. Isto é, a libra, que era a libra, e a outra, de fantasia. Nos tempos atuais, isto se chama dolarização, a moeda de troca mundial, segundo Bretton Woods.

Cavallo renasceu esse modelo, atualizou-o, com o respaldo doutrinário dos nossos tempos, mais a globalização e o neoliberalismo, e obteve sensível sucesso. Menem nada mais queria do que isso: sucesso! Com este, consolidou-se, afirmou-se, desvencilhou-se de alguns estereótipos que lhe vinham da campanha e reelegeram-se.

Acontece que esse modelo pilotado por Cavallo, com mão-de-ferro e obstinação, tem custo. Um deles, e principal, é que a dolarização implica sem dúvida a perda da identidade nacional da moeda. É o Panamá. O país fica atrelado ao dólar e sujeito a ele, obrigado a seguir suas grandezas e servidões. Ademais, o neoliberalismo, como não podia deixar de acontecer com os modelos econômicos,

tem seus custos-benefícios.

O grande benefício, o primeiro e maior deles, a derrubada da inflação. A âncora cambial congela o câmbio e, por esse meio, congela os preços, que permanecem livres dentro da gaiola. Mas esta fica congelada, isto é, o dólar não pode deixar a paridade. Como exemplo dessa opção, vou mostrar que se o Brasil o tivesse adotado, os resultados seriam outros. Pode até causar espanto.

Sabem quanto foi a inflação em dólar, durante o período 1985/1989 e até março de 1990? Está no quadro abaixo.

Ele mostra que a inflação em dólar foi de 8,58 ao ano, menor que a atual. O custo da estabilização foi revelado pelo que ocorreu no México, no Chile e que está ocorrendo no Brasil e na Argentina, independentemente de qualquer retórica. É o modelo neoliberal, sobre o qual já começam a surgir contestações e corretivos. A primeira consequência no Brasil vem do Governo Collor, o pioneiro: desorganizou o aparelho estatal, como regulador e responsável pela harmonização dos conflitos. Criou um clima de barbúrdia total, um caos, e saiu para uma privatização selvagem com vazios e perplexidades sobre graves áreas de corrupção. Nunca é bom fazer privatização junto com eleições. Fica no ar sempre a maledicência da oportunidade das famosas caixinhas de campanha (PC); outras

consequências: empobrecimento da população; perda do poder aquisitivo dos salários; concentração de renda, recessão, juros altos, endividamento externo e interno, conforme o país, desemprego alto, na Argentina 17,1%, e no Brasil, na metodologia do Dieese, 16%. Dir-se-á que tudo isso é passageiro. São as dores do parto. E cita-se o Chile, que já viu a outra margem do rio. Mas a verdade é que o modelo é concentrador e a teoria de mercado não resolve tudo. Não resolve saúde, educação, estradas, problemas sociais.

Cavallo estava enfrentando estes problemas e, portanto, a impopularidade. Nas suas costas caíam as desgraças do caminho que ele adotou e que com tanta convicção acredita. Ele prestou inestimáveis serviços à Argentina. Minha impressão pessoal, com as devidas ressalvas de teoria, é de um homem de convicções e de princípios, já se disse isso, mas teimoso como Bismarck e intransigente como São Paulo, o apóstolo.

Menem é o político, tipo getuliano. Devia, há muito tempo, estar sonhando em quebrar as patas do cavalo do Cavallo. Dormia com essa solução. Ela acalmaria o povo, levaria à fogueira o responsável pelas suas agruras. O povo ficaria satisfeito e o vilão era outro. Não deixaria passar essa oportunidade, uma morte anunciada e um divórcio marcado. Suas

divergências menores vinham desde o tipo de concepção. Em Nova York, depois da crise mexicana, os dois foram acalmar o mercado. Cavallo firme, seguro de suas idéias, afirma categoricamente que a Argentina não era o México, tinha razões econômicas e dados concretos para provar isso. Menem foi falar. Avalizou Cavallo e concluiu:

— Ainda mais, quero tranquilizar os senhores banqueiros: na Argentina nós não temos índios. No México, 30% da população são índios!

Houve um profundo silêncio e os investidores sentiram mais ainda a necessidade de ter Cavallo no comando da economia Argentina.

Não posso fugir a uma dúvida final, interna: o cavalo de Cavallo teve as pernas quebradas por Menem, ou estava sem fôlego de correr pela exaustão? O modelo argentino não agüenta a raia do Grande Prêmio no Jôquei da economia?

Nosso Fernando Henrique que tome sua vacina contra o efeito Orloff, este que diz que o que acontece na Argentina acontece no Brasil. Malan não tem jeito de boi gordo para ser atirado às piranhas insatisfeitas. Mas o Gustavo Franco tem gingado de quem gosta de ser queimado em fogueira e pode montar um cavalo de pata quebrada.

JOSÉ SARNEY é presidente do Senado Federal.

INFLAÇÃO EM US\$ — 1985/1989

Período	Índice de inflação/base*			
	IGP-DI	INPC	IPC-FIPE	Média dos três índices
1985	1,71	2,91	- 0,37	
1986	15,88	11,79	18,04	
1987	7,46	3,03	- 2,69	
1988	7,83	3,63	- 6,00	
1989	25,42	30,79	15,62	
Acumulação 85-89	71,29	60,65	24,92	50,92
Média anual 85-89	11,36	9,95	4,55	8,58

(*) em % no período